

## **PAISAGISMO ESTÉRIL: VAIDADE SEM FUNÇÃO ECOLÓGICA**

Palavras-chave: design, ecologia, paisagismo.

**Evânia de Paula Muniz;**  
Ong Horizonte (Rio de Janeiro/RJ);  
ovilai@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

Este artigo tem por objetivo problematizar a continuidade do paisagismo estéril, centrado na estética visual e no controle da natureza e propõe caminhos teóricos e práticos para a construção de espaços inclusivos, produtivos e regenerativos. A partir de uma abordagem interdisciplinar, dialoga-se com autores da biologia, agroecologia, filosofia ambiental e Design Social, entendido como ativador de transformações socioespaciais.

Ao longo da história, jardins foram expressões simbólicas dos valores culturais, políticos e econômicos de cada época. Dos Jardins renascentistas aos espaços públicos contemporâneos, o paisagismo comunica status, poder e relação com a natureza. No entanto, o predomínio de um modelo paisagístico ornamental e rigidamente controlado tem produzido ambientes ecologicamente vazios, desconectados dos ciclos naturais e das necessidades locais.

Esse modelo, aqui denominado paisagismo estéril, é comum em áreas urbanas e periurbanas. Gramados aparados, espécies exóticas e desenhos geométricos compõe uma estética que por vezes pode comprometer a biodiversidade, a saúde do solo e a funcionalidade ecológica. Tal lógica, segundo Santos (2009) está ancorada em valores coloniais e eurocêntricos, nos quais o verde é símbolo de exclusão, e não de vida integrada ao território.

Para ilustrar essa contradição, utiliza-se a alegoria da cauda do pavão, cuja exuberante, mas disfuncional para a sobrevivência. Segundo Darwin (2019), tal

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

ornamento favorece a reprodução, mas aumenta a vulnerabilidade do animal. Analogicamente, o paisagismo estéril prioriza a aparência, ignorando os impactos ecológicos e sociais.

Frente à crise ambiental global, marcada por mudanças climáticas aceleradas, perda da biodiversidade e insegurança alimentar crescente, urge buscar alternativas que ressignifiquem a relação entre estética e funcionalidade nos espaços verdes. Götsch (2021) entende que o paisagismo regenerativo surge como proposta transformadora, fundamentada em princípios agroecológicos e de justiça ambiental, que promove a integração entre produção de alimentos, restauração ambiental e bem-estar social.

Em “O bem Viver” (2016), Alberto Acosta acusa o modelo de exploração de recursos naturais e oferece caminhos para uma sociedade onde nós, seres humanos, sejamos uma promessa e não uma ameaça. Essa proposta é sustentada em uma convivência cidadã, baseada no conhecimento dos diversos povos culturais existentes no país e no mundo.

Acosta destaca a importância de valorizar a riqueza cultural, as tradições comunitárias e históricas na busca de uma refundação das instituições políticas e jurídicas. Esse movimento inclusivo aborda questões de cunho ambiental, social, econômico e de governança, e acende as esperanças de que o desenvolvimento sustentável possa oferecer uma nova visão para o mundo.

## **1.1. OBJETIVOS GERAL:**

Analisar criticamente as práticas paisagísticas estéreis, associadas a uma estética improdutiva e colonial, propondo alternativas fundamentadas nos princípios do paisagismo regenerativo, que conciliem estética, função ecológica e justiça ambiental, tendo o design social como prática desta abordagem.

### **1.1.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Utilizar a metáfora do pavão, a partir da teoria da seleção sexual de Darwin, para discutir os custos simbólicos e ecológicos de uma estética desvinculada da função ambiental;

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

- Reunir contribuições interdisciplinares da biologia, agroecologia, filosofia ambiental e crítica cultural para sustentar uma visão crítica e regenerativa do paisagismo;
- Apresentar referências sobre o paisagismo produtivo e ecológico, com ênfase em agroflorestas urbanas, permacultura e jardins comestíveis;
- Sugerir diretrizes e práticas transformadoras que inspirem políticas públicas, projetos pedagógicos e ações comunitárias voltadas à regeneração ambiental e social através do paisagismo.

## 1.2 METODOLOGIA:

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, teórico-reflexiva e interdisciplinar. Através da análise bibliográfica crítica, constrói-se uma base conceitual para tensionar práticas hegemônicas e propor alternativas transformadoras, ancoradas nos princípios do design social (Papanek, 1971).

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

A alegoria da cauda do pavão, apresentada por Darwin (2019), ajuda a compreender como traços estéticos podem ser prejudiciais à sobrevivência quando não se alinham a funções adaptativas. Morton (2007) amplia essa ideia ao aplicá-la à crítica da estética paisagística tradicional.

Clément (2023) propõe a “o jardim planetário”, que valoriza a espontaneidade da natureza e rejeita o controle excessivo típico do paisagismo colonial. Essa abordagem tem inspirado práticas de paisagismo regenerativo que priorizam biodiversidade e adaptação social. Haraway (2023) introduz uma ética multiespécie, baseada na interdependência entre humanos e não humanos, desafiando perspectivas antropocêntricas dominantes. Essa visão influencia práticas que buscam integrar comunidades humanas com ecossistemas em processos de restauração. A agricultura sintrópica de Götsch (2021), apresenta um modelo produtivo e regenerativo, que inspira a produção agroflorestal. Adler e Tanner (2015) discutem os serviços ecossistêmicos urbanos e a importância de

jardins para a resistência ambiental, enfatizando a integração de infraestrutura verde no planejamento urbano. Autores como Porto-Gonçalves (2004) e Santos (2009) destacam a necessidade de superar legados coloniais na relação com a terra, propondo um olhar decolonial que valorize saberes tradicionais e justiça territorial no paisagismo. Tardin (2017) enfatiza que o paisagismo urbano deve se adaptar às mudanças climáticas e promover equidade socioambiental, defendendo infraestrutura verde como estratégia fundamental para a sustentabilidade das cidades. Brown e Jamieson (2020) reforçam a importância da participação comunitária e dos jardins urbanos como espaços de educação ambiental e soberania alimentar, alinhando aspectos sociais e ambientais. Acosta (2016) defende o Sumak Kawsay (Bem viver) das tradições indígenas como filosofia para um mundo que tenha como princípio o envolvimento humano/natureza em busca de um equilíbrio ambiental. Wilson (1984) professa a necessidade do ser humano de buscar conexão com a natureza. E quando isso não acontece, nos sentimos gravemente afetados, uma vez que temos uma ligação atávica com o meio ancestral, visto que nossa composição genética se estruturou em função de convivência com estes ambientes. Essa conexão com a natureza pode ser compreendida como uma condição primária e fundamental.

Nesse contexto, o design social se apresenta como ferramenta estratégica. Papanek (1971), entende que o design deve ir além da estética e da funcionalidade técnica, assumindo responsabilidade ética e ambiental. O designer tem o dever de contribuir com soluções sustentáveis e inclusivas, voltadas ao bem comum.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise revela que o paisagismo estéril, embora esteticamente valorizado, pode comprometer a biodiversidade e reforça desigualdades.

O símbolo da cauda do pavão destaca que a busca por uma beleza descolada da função pode ser prejudicial à sobrevivência e sustentabilidade das paisagens urbanas, jardins baseados em gramados uniformes e plantas exóticas frequentes necessitam de recursos hídricos excessivos e manutenção intensiva, além de rejeitarem a fauna nativa.

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

A agricultura sítropa e o paisagismo agroflorestal permitem a recuperação ambiental, ao mesmo tempo em que produzem alimentos, promovem a interação social e traz beleza e conforto.

Por fim, políticas públicas e planejamento urbano que incorporam infraestrutura verde e valorizam saberes locais são essenciais para a consolidação dessa transformação e o design entra como um pensamento de articulação, elaboração e organização do processo. Recomenda-se então:

- Implantação de jardins comestíveis urbanos em escolas, praças, centro culturais: O designer pode atuar no cocriar com comunidades layouts que conciliem estética, acessibilidade e diversidade de espécies, tornando o espaço convidativo e pedagógico;
- Hortas agroecológicas comunitárias integradas à arte: o designer pode facilitar processos participativos, ajudando na prototipagem de mobiliários coletivos, na concepção de oficinas criativas e na integração entre arte, design e educação ambiental;
- Políticas públicas de infraestrutura verde: designers podem colaborar na tradução visual de propostas técnicas, tornando relatórios e planos acessíveis a diferentes públicos, além de desenhar interfaces digitais para participação social;
- Projetos pedagógicos de jardinagem regenerativa: O design educacional pode organizar metodologias de aprendizagem baseadas na experimentação, criando materiais didáticos que unem recursos visuais, artísticos digitais para explicar a lógica da permacultura e agrofloresta;
- Valorização das formas locais de representação cultural e estética: O design social pode apoiar processos de cartografia afetiva e memória coletiva, registrando e

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

materializando saberes populares em objetos, painéis, exposição e narrativas que combatem a hegemonia estética colonial.

A permanência do paisagismo estéril reflete valores que privilegiam aparência em detrimento da ecologia e da justiça ambiental. Em tempos de colapso climático e insegurança alimentar, repensar os jardins é uma urgência ética. O designer, nesse contexto, torna-se mediador de futuros possíveis: um profissional que ajuda a transformar jardins em espaços de vida, símbolos de um futuro possível.

A metáfora do pavão é um alerta: é preciso abandonar estéticas vazias e abraçar formas regenerativas, comprometidas com os ciclos naturais, o bem viver e a justiça socioambiental.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. ***O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos***. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ADLER, Frederick R. TANNER Colby J. ***Ecossistemas urbanos: princípios ecológicos para o ambiente construído***. Oficina de textos, São Paulo 2015.

CLÉMENT, G. ***O jardim como índice planetário***. Revista Valise, v.13. Porto Alegre, 2023.

DARWIN, C. ***A origem do homem e a seleção sexual***. Editora Garnier, São Paulo, 2019.

GÖTSCH, E. ***Agricultura sintrópica: segundo Ernst Götsch***. Editora Reviver, 2021. São Paulo

HARAWAY, D. ***Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno***. São Paulo: N-1 Editora, 2023.

MORTON, T. ***Ecology without nature: rethinking environmental aesthetics***. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

PAPANEK, V. ***Diseñar para el mundo real: ecología humana y cambio social***. Barcelona: Polen Editions, 2014[1971].

PORTO-GONÇALVES, C. W. ***O desafio ambiental***. São Paulo: Record, 2004.

SANTOS, B. de S. ***Epistemologias do Sul***. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MAYA P, TARDIN, R. ***Arquitetura paisagística: arte, natureza, cidade***. UFRJ – Prourbe - Rio de Janeiro, 2017.



**V COLÓQUIO DE  
PESQUISA EM  
DESIGN E ARTES**  
5, 6 e 7 de novembro 2025

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 2012.

WILSON, E. *Biofilia*, Cambridge: Harvard University Press, 1984.